

**POR UM PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM MULTICULTURAL: A
APLICAÇÃO DA LEI 10.639 NUMA ESCOLA PÚBLICA DE SANTO
ANTONIO DE JESUS NA BAHIA.**

Alisson da Silva Souza¹

Roseane Alves dos santos²

Resumo: A sociedade contemporânea exige uma necessidade crescente de espaços que promovam e valorizem a diversidade sexual, etnorracial, cultural e de gênero. Cabe de modo especial aos historiadores, responsáveis pela reconstrução do passado, colaborar para a desconstrução da imagem negativa de negros/as na história ensinada na sala de aula. A Lei 10.639/2003, visa incluir no currículo básico das redes públicas e privadas a obrigatoriedade do estudo da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, além de outras providências. Dessa perspectiva da inclusão do debate e da discussão sobre a história dos negros na sala de aula que surgiu do PIBID de História do Campus V (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) que teve como tema: “Memórias, cantos e encantos”.

Palavras-chave: Educação, arte e cultura afro-brasileira-Brasileira.

INTRODUÇÃO

A preocupação com um ensino de qualidade e a construção de uma escola democrática é uma função que cabe a todos. Observa-se que o principal espaço que deve atender a essas necessidades é a escola, pois possui um cotidiano heterogêneo e marcado por práticas discriminatórias e preconceituosas. Tais práticas presente nesse

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, mestrando em educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professor da rede pública de ensino de Santo Antônio de Jesus e supervisor do PIBID na Escola Municipalizada Antônio Fraga.

² Ex- bolsista e atual voluntária do Pibid de História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus V. Graduada em História UNEB.

ambiente resultam principalmente na exclusão de alunos/as negros/as, fazendo com que esses/as só guardem na sua memória lembranças negativas associadas à escola.

A escola exerce um papel de grande importância na sociedade, pois ela influencia fortemente na formação do indivíduo, principalmente quando se trata de crianças. Daí a necessidade de se trabalhar o currículo com base na educação multicultural. Sacristán (1995) observa que o currículo seleciona elementos, e com isso acaba valorizando mais um conteúdo em detrimento de outros. Também o currículo se preocupa em ocultar dos alunos alguns aspectos que rodeiam a escola. Por isso os professores devem ter cuidado ao selecionar os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula para não reproduzirem um ensino marcado pela exclusão de grupos vistos pela sociedade como inferiores. O ambiente escolar deve ser um espaço fundamental no combate ao racismo e a discriminação racial.

Dentre os diversos grupos que são silenciados tanto na escola quanto na sociedade encontram-se homens e mulheres negros (as). Como aborda Nilma Lino Gomes (2005), esse grupo no Brasil carrega ainda o histórico da escravidão, que afeta negativamente suas vidas e sua inserção social em nossa sociedade, e esses/as acabam sendo frequentemente sendo vítimas de práticas racistas. Por serem tão frequentes, tais práticas acabaram naturalizando-se e por conta disso muitas vezes são negadas ou passam despercebidas pelas próprias pessoas que as praticam.

Cabe de modo especial, aos historiadores, responsáveis pela reconstrução do passado, colaborar para a desconstrução da imagem negativa de negros (as) na história ensinada na sala de aula. Depois de muitas lutas esses profissionais já podem contar como principal instrumento que regulamenta esse direito, a Lei 10.639/2003, promulgada pelo Presidente da República, em 9 de fevereiro de 2003, essa que alterou a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), incluindo no currículo básico das redes pública e privada a obrigatoriedade do estudo da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

De conformidade com o texto dessa Lei, o conteúdo programático das diversas disciplinas deve contemplar o estudo de História da África e dos africanos e da cultura afro-brasileira, ou seja, o papel representado pelos afrodescendentes no Brasil, a cultura

negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, ressaltando a contribuição desse contingente da população nas áreas social, econômica e política no contexto da história do Brasil. Pois “[...] um professor mais do que ensinar datas e fatos [...], é alguém que coloca o aluno em contato com os processos de construção/ reconstrução do passado. [...]” (SEFFNER, 2000, p.260). Dessa forma o professor contribui para que os alunos negros ou não conheçam a história, os costumes e a cultura dos seus antepassados, isso certamente permitirá que eles percebam que sua raiz histórica e com isso encontrarão motivos suficientes para se orgulharem da sua cor e do grupo a qual pertence.

O PIBID DE HISTÓRIA

Na perspectiva da inclusão do debate e da discussão sobre a história dos negros em sala de aula que surgiu o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência (PIBID) de História que teve como tema: “Memórias, cantos e encantos.” Projeto que foi realizado em duas escolas da cidade de Santo Antônio de Jesus-Ba, Colégio Luiz Viana Filho, de 6º ao 9º ano e na Escola Municipal Antônio Fraga, de ensino infantil e até o 5º ano. Ambas próximas à Universidade Estadual da Bahia, campus V.

Apesar da proximidade as escolas tinham pouco contato com a Universidade. Isso indica que o ensino na Universidade necessita promover questionamentos e projetos acerca da realidade, do mundo além dos muros que cerca a instituição. Daí a importância do PIBID, promover um diálogo mais constante entre a academia e a escola. Afinal, o futuro da maioria dos acadêmicos, que estão fazendo cursos de licenciatura é o espaço escolar, este que se configura como um ambiente marcado pela diversidade.

O PIBID para muitos dos bolsistas foi a primeira experiência com a sala de aula, o primeiro contato com alunos, com o ambiente escolar. Pois apesar de estarmos em um curso de licenciatura, frequentamos o nosso futuro ambiente de trabalho apenas a partir do 5º semestre, com o estágio de observação. Enquanto isso não acontece, se passam quatro semestres discutindo teoria, sem muita conexão com a prática docente.

Apesar das críticas referentes à realização do PIBID de História em uma escola de educação básica, por se tratar de um público na qual não estaríamos sendo preparado para atuar, o grupo conseguiu realizar um bom trabalho que será descrito nas páginas seguinte. Desenvolvemos laços de afetividade com as crianças, adequamos nossa linguagem bem como nossas metodologias e aprendemos muito com um público bastante empolgado.

Durante a oficina tentamos desconstruir o olhar preconceituoso que alguns alunos tinham sobre a África e sobre os próprios negros. Apresentamos um continente além do que é exposto pela mídia, como um lugar de história e de diversidade. Ajudamos os alunos a perceberem que o negro durante toda a história não foi um ser passivo, sem cultura, mas que contribuiu e contribui para a construção de um Brasil, tal qual nós conhecemos.

Também é necessário destacar a importância do desenvolvimento do PIBID de História em uma escola com educação infantil, pois é a fase em que as crianças estão conhecendo e tendo contato com um ambiente bastante diverso, que é o espaço escolar. Além de que, como afirma Patrícia Santana.

“[...] No interior das instituições de Educação Infantil, são inúmeras as situações nas quais as crianças negras desde pequenas são alvo de atitudes preconceituosas e racistas por parte tanto dos profissionais da educação quanto dos próprios colegas e seus familiares. A discriminação vivenciada cotidianamente compromete a socialização e interação tanto das crianças negras quanto das brancas, mas produz desigualdades para as crianças negras, à medida que interfere nos seus processos de constituição de identidade, de socialização e de aprendizagem.” (SANTANA, 2006, p.38).

As crianças que vivenciam situação de discriminação com relação ao seu corpo ou cor da pele podem não construir uma imagem positiva de si mesmas. Muitas vezes o que se observa nas escolas é que essas crianças negras para serem aceitas pelos demais colegas brancos tendem a mudar seu cabelo e a maneira de se vestir desconsiderando-se assim a sua história, sua cultura. E o que se percebe é que muitas dessas diferenças são tratadas no ambiente escolar como se fossem feiura e/ou desleixo.

RELATO DA EXPERIÊNCIA COM OS ALUNOS DO 5º ANO

Na prática pedagógica existe uma dicotomia entre o discurso dos Parâmetros e o texto dos livros didáticos. Os livros se apropriam dos temas apresentados pelos Parâmetros, mas acabam por perpetuar os conteúdos tradicionais, relacionando sempre os afrodescendentes à escravidão. O livro didático é marcado pelo eurocentrismo, ou seja, a história é contada na maioria das vezes, apenas pelo olhar do europeu. Por isso cabe ao professor/a apresentar aos alunos também a história contada a partir da perspectiva de outros grupos, principalmente a dos negros. Proporcionar discussões e apresentar as histórias e culturas desses grupos.

Apesar de mais de 10 anos da promulgação da Lei 10.639/2003, são poucas as vezes em que os temas sobre os negros são tratados em sala de aula, e quando esse grupo aparece é de forma inferiorizada ou folclorizada. Segundo Eliana Cavalleiro:

“Diversos estudos comprovam que, no ambiente escolar, tanto em escolas públicas quanto em particulares, a temática racial tende a aparecer como um elemento para a inferiorização daquele/a aluno/a identificado/a como negro/a. Codinomes pejorativos, algumas vezes escamoteados de carinhosos ou jocosos, que identificam alunos/as negros (as), sinalizam que, também na vida escolar, as crianças negras estão ainda sob o jugo de práticas racistas e discriminatórias. (CAVALLEIRO, 2006, p.22).

Demarca-se então a importância do desenvolvimento do PIBID de História como um projeto que interviu no cotidiano escolar dos alunos da Escola Antônio Fraga localizada em Santo Antônio de Jesus na Bahia, escola que acolheu de portas abertas para a realização de nossas atividades com as turmas. Atividades que promoveram debates para a inclusão da história dos negros.

Após algumas observações para o conhecimento da escola e da turma, e de algumas atividades realizadas durante os dias de observação, os bolsistas desenvolveram durante uma semana no turno da manhã em todas as turmas atividades que viessem a valorizar a história e a cultura dos negros.

Em uma das atividades realizadas no primeiro dia, com os alunos do 5º ano, turma pela qual fiquei responsável, foi realizada uma atividade que consistia em algumas imagens e frases (de caráter positivas e negativo) para as quais cada aluno deveria colar na lousa aquelas que fossem relacionadas ao Continente Africano, em

seguida comentasse. Na atividade pude perceber que foram poucos os alunos que relacionaram imagens e frases positivas sobre esse continente, alguns ainda afirmaram que os africanos eram de pouca educação (“selvagens”), que lá (na África) só havia negros e que era um país muito pobre. Entretanto, alguns afirmaram que a África era um país rico, muito ouro, e de muitas belezas naturais.

Em seguida discutimos um pouco o que havia colocado pelos alunos, na tentativa de desconstruir a imagem negativa que esses tinham sobre a África. Como complemento, foi exibida uma apresentação em slides, com algumas características gerais sobre o continente africano. De início perguntei se a África era um país ou continente, e a sala ficou dividida. Apresentei um mapa do continente e os alunos se surpreenderam ao “descobrir” que o Egito fica na África e que alguns países africanos falam inglês.

Esse fato, sobre o olhar preconceituoso ou desconhecido sobre a África, pode está relacionado, principalmente, à maneira como a mídia apresenta esse continente tão diverso. Percebemos que a mídia ressalta os problemas, e apresenta o belo é apenas a natureza. Somado ao papel da mídia, também o livro didático apresenta o continente como pequenas aldeias, primitivas, sem desenvolvimento, e que não possui nada para ser contado ou discutido.

O último dia da oficina foi momento da socialização do que produzimos juntamente com os alunos em cada sala. Cada bolsista escolheu uma atividade realizada durante a semana e com as crianças e apresentou a toda escola. Houve apresentação de capoeira, dança de roda, poema, desfile de máscaras africanas, além de outras atividades. Após a exibição de slides com as fotos dos alunos nos dirigimos cada um para as suas salas para realizarmos junto com eles/as a avaliação da oficina. A turma na qual eu realizei a oficina demonstrou motivação com a atividade, além de terem o interesse por outras similares. Foi também pedido a avaliação da professora responsável pela sala, afinal ela também contribuiu para que a oficina ocorresse com sucesso.

Foram dias maravilhosos, de muita construção e desconstrução. Aprendi com os alunos e acredito que eles aprenderam com a oficina, uma experiência que levarei

durante toda a minha vida e que me fez sentir prazer em trabalhar com o ensino fundamental.

A questão do racismo deve ser apresentada e discutida na comunidade escolar de forma que sejam permanentemente repensados os paradigmas, principalmente o eurocêntrico a partir do qual fomos educados, presentes principalmente nos livros didáticos, e que na maioria das vezes é o único recurso utilizado pelo professor. É necessário mostrar a resistência dos africanos e seus descendentes, que não se submeteram à escravidão, que se rebelaram e que conseguiram manter vivas as suas tradições culturais até os dias atuais. Apresentar suas contribuições presentes no nosso cotidiano e sua participação na história brasileira.

Para que se trabalhe na escola na perspectiva de uma educação multicultural também é indispensável o investimento na formação dos docentes, para que esses estejam preparados para enfrentar questões de preconceito e discriminação em sala de aula de forma responsável, sem correr o risco de reproduzi-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei 10.639/2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em 30 de maio de 2016.

CAVALLEIRO, E. Valores civilizatórios dimensões históricas para uma educação anti-racista. In: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. p. 15-28.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre realções raciais no Brasil: uma breve discussão. In: HENRIQUE, R. (Org.). **Educação anti-racista: Caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/03**. Brasília: Ed. SECAD/MEC, 2005, p.39-62.

SANTANA. P.M.S. Educação Infantil. In: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. p. 31-48.

XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

SACRISTÁN, J. G. Currículo e Diversidade Cultural. In: SILVA, T.T & MOREIRA, A. F. (Orgs.). **Territórios Contestados- O currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 82-113.

| SEFFENER, F. Teoria, metodologia e ensino de História. In: GUAZZELLI, C. A.B. et al. **Questões de teoria e metodologia da História**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade, 2000, p. 257-288.